

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

OS OSSOS TRABALHADOS DO CASTRO DA AZOUGADA (MOURA, PORTUGAL)

Mariana Nabais¹, Rui Soares²

RESUMO

O Castro da Azougada é um sítio tipo “monte” dedicado à exploração agropecuária e recursos fluviais, implantando-se na margem esquerda da foz do rio Ardila, na margem esquerda do Guadiana. A cultura material baliza cronologicamente o sítio entre o século V a.C. e a primeira metade do século IV a.C. O espólio de 20 ossos trabalhados recolhidos nas escavações da década de 1940, é inédito e o único caso conhecido para a margem esquerda do Guadiana. O conjunto é constituído por peças trabalhadas utilizando conchas marinhas e restos de mamíferos de dimensão superior à do coelho. A indústria óssea confirma a preconização de actividades pesqueiras, revela uma produção têxtil local e a prática de potenciais actos mágico-religiosos.

Palavras-chave: Osso trabalhado, Tecnologia óssea, Castro da Azougada, Idade do Ferro, Moura.

ABSTRACT

Castro da Azougada is a “monte” (= hill) site dedicated to farming and the exploitation of river resources. It is located on the left side of Ardila’s river mouth, on the left side of river Guadiana. Material culture has dated the site between the 5th and the first half of the 4th century b.C. The worked bone assemblage is the only known for the left side of the Guadiana and comprises 20 pieces recovered from the 1940s excavations. The collection is composed by several remains using marine shells and bones of mammals larger than rabbit-size as raw materials. The bone industry confirms that fishing activities, textile production and potential religious practices were done on site.

Keywords: Worked bone, Bone technology, Castro da Azougada, Iron Age, Moura.

1. INTRODUÇÃO

Entre os materiais recolhidos em intervenções arqueológicas são frequentes os elementos líticos e cerâmicos que tendem a manifestar-se numa quantidade significativa de utensílios e potes, lascas e cacos. No entanto, também o material faunístico está presente, incluindo vestígios de animais que naturalmente visitaram os sítios de ocupação humana (como é tão frequente nas grutas paleolíticas), bem como restos de alimentação e ossos trabalhados. Entre os últimos, encontram-se não só elementos do endoesqueleto dos animais vertebrados, mas também do exoesqueleto (como as hastes, o corno, as garras) e conchas dos mais variados moluscos (Salvado 2001:33, 2004:35).

O uso do osso como matéria-prima remonta ao Paleolítico Inferior. Na África do Sul, em Swartkrans (datado de cerca de 1.8 e 1 milhão de anos antes do presente), foram descobertas lascas alongadas de osso que deverão ter sido utilizadas para a exploração de ninhos de térmitas por parte do *Australopithecus robustus* (Blackwell & d’Errico, 2001). Porém, a consideração de tais ferramentas como sendo osso trabalhado é polémica, uma vez que se terá verificado um aproveitamento de fragmentos ósseos já disponíveis e não o afeiçoamento consciente da matéria-prima com vista à função desejada. De qualquer forma, é notável a utilização de osso como matéria-prima desde as mais remotas cronologias até à actualidade, verificando-se o fenómeno em todos os continentes. Contudo, o estudo da tecnologia óssea

1. Institute of Archaeology – University College London (UCL). London Arts and Humanities Partnership (LAHP); mariananabais@gmail.com

2. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); ruigusmao@hotmail.com

tende a ser deficitário. É evidente a clara preferência por estudos de material lítico e cerâmico, não só por serem bastante frequentes em sítios arqueológicos, mas sobretudo por serem bons indicadores cronológicos, de trocas comerciais, de evolução tecnológica, estrutura social, entre outros. Também os enterramentos ou a arte parietal têm grande relevância, na medida em que estão intimamente ligados ao foro simbólico e religioso, à evolução das mentalidades, o sentido estético, patologias, demografia e mobilidade. Os ossos trabalhados tendem a ser apreciados pelos investigadores, mas são comumente considerados pouco relevantes para a reconstrução do passado (St-Pierre & Walker 2007:2). Esta realidade também se aplica a Portugal, onde são raros os estudos de tecnologia óssea. Além das razões mencionadas, acresce a frágil conservação do osso em sítios arqueológicos, exceptuando as deposições em gruta e em solos calcários cujas condições permitem a recolha de uma maior variedade e quantidade destes materiais, como acontece no Maciço Calcário Estremenho e no litoral Algarvio (Salvado 2001:31). Acresce o facto de as técnicas de manufactura de ferramentas em osso serem muito semelhantes desde o Paleolítico. De facto, os furadores, os alfinetes ou as pontas de projectil são transversais a várias cronologias e culturas (LeMoine 2001:3).

O estudo da indústria óssea começou por ser considerado relevante pela escola francesa, destacando-se os projectos dos inícios dos anos 1990s de Camps-Fabrer, “*La Commission de Nomenclature sur l’Industrie de l’Os Préhistorique*”, e de Patou-Mathis, “*Industrie Osseuse Peu Élaboré*”. Nas últimas duas décadas verificou-se novo fulgor na investigação, tendo o grupo de trabalho *Worked Bone* do *International Council for Archaeozoology* (ICAZ) sido um dos principais impulsionadores desta nova dinâmica (Vitezović, 2016:7). Aquilo que se verifica é que os ossos trabalhados podem também ser fósseis directores, como no caso das agulhas e das pontas de seta que foram usadas como marcadores culturais específicos no Paleolítico Superior. Foram ainda elementos fundamentais para a identificação de tecnologias invisíveis no registo arqueológico, como é o caso da produção e utilização de vestuário. Desta forma, para o estudo da indústria óssea é necessário compreender a *chaîne opératoire* na produção dos objectos, o que potenciará uma melhor compreensão do contexto social em que foram manufacturados. É necessário entender o como, o porquê e onde foi ad-

quirida a matéria-prima, que uso lhe foi dado e em que condições se deu o seu descarte. A compreensão das propriedades mecânicas das diferentes partes anatómicas dos diversos animais, ajuda a perceber o motivo da escolha de um determinado elemento para a manufactura de um determinado objecto. É também essencial ter em conta quais os materiais que estariam disponíveis e que possível significado poderiam eles conferir ao objecto final. Há que considerar que diferentes grupos humanos poderão processar a matéria-prima e manufacturar objectos de formas distintas, podendo também utilizar os mais variados estilos de decoração (sendo a ausência de decoração também relevante na análise). Por fim, os utensílios em osso são frequentemente utilizados na produção de outras ferramentas e, muitas vezes, poderão mesmo eles ter sido manufacturados com utensílios especializados. Desta maneira, pensar nos objectos em osso trabalhado integrando-os em contextos mais alargados, permite-nos fazer inferências sobre a presença de materiais que não se conservaram no registo arqueológico e/ou inferir actividades que de outra forma não seriam evidentes (LeMoine 2001:3).

Assim sendo, para os ossos trabalhados recolhidos no Castro da Azougada (Moura, Portugal), pretende-se: 1) identificar a matéria-prima a nível anatómico e taxonómico; 2) identificar os gestos técnicos utilizados na produção dos objectos; 3) interpretar as suas funções; e 4) inserir os objectos em osso trabalhado num contexto sócio-cultural que nos permita inferir as mais variadas actividades e dinâmicas do grupo humano que ocupou o local. Nem todos estes objectivos poderão ser cumpridos para todos os objectos descritos, considerando que estão intimamente dependentes do grau de transformação da matéria-prima. Há também que considerar que os significados associados a elementos relacionados com estatuto social e com o espectro simbólico-religioso não nos são possíveis de comprovar na actualidade, não passando muitas vezes de meras sugestões.

2. CASTRO DA AZOUGADA

O Castro da Azougada corresponde a um sítio de tipo “monte”, como tem vindo a ser designado pela investigação, dedicado à exploração agropecuária e aos recursos fluviais, implantando-se num pequeno cabeço próximo da foz do rio Ardila, na margem esquerda do Guadiana (Figura 1). Entre a cultura

material, foi já recuperado um importante conjunto de materiais que balizam cronologicamente o sítio entre o século V a.C. e a primeira metade do século IV a.C., nos quais se destacam cerâmicas, metais, vidros, líticos e fauna. Entre estes, assumem especial importância pelo seu valor cronológico, cerâmicas áticas, cerâmicas pintadas, ânforas, fíbulas, braseiros e um elemento de *thymiaterion*.

A arquitectura até agora conhecida revela a existência de vários compartimentos ortogonais de dimensões variáveis, dispostos em torno de um espaço central, ocupando todo o topo do cabeço onde se implanta. As estruturas identificadas são constituídas por uma base pétreia, sobre a qual se desenvolveriam em altura paredes com recurso a tijolos de adobe. Entre as estruturas de maior dimensão, contam-se muros com cerca de um metro de espessura.

A implantação da Azougada na junção de dois importantes rios coloca-a numa confluência de rotas de circulação, que poderão em parte explicar a relevância que parece assumir no território em questão durante o século V a.C. Por outro lado, durante os inícios do século IV a.C., o surgimento a apenas três quilómetros de distância de um povoado característico da segunda Idade do Ferro, na zona do Castelo de Moura, poderá explicar a longevidade da Azougada em relação a outros sítios rurais que terminam a sua existência nos finais do século V a.C. (Soares, 2017).

A localização do sítio numa zona de calcários e dolomites (Barros e Carvalhosa & Galopim de Carvalho 1970) é responsável pela preservação de material faunístico. Deste modo, além dos ossos trabalhos recolhidos nas campanhas dos anos de 1940s, foram também recolhidos restos alimentares nas escavações mais recentes de 2016. Estes formam um conjunto de 632 restos de ossos e conchas, sendo os mamíferos domesticados, como o gado bovino e caprino, os melhor representados. A prática cinegética deveria complementar a dieta da população, dado a presença de cervídeos e coelhos, tal como a pesca e recolha de conchas fluviais. As ainda poucas amostras de fauna ictiológica e malacológica sugerem contactos com o litoral, dada a presença de taxa de meio marinho (Nabais & Soares, 2017)

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Os ossos trabalhados estudados foram recolhidos nas escavações dos anos 1940s, dirigidas por Ma-

nuel Heleno e Frago de Lima. Durante tais intervenções apenas os objectos menos fragmentados e de relevante qualidade estética deverão ter sido guardados. É assim que nos chegaram até hoje os vestígios de osso trabalhado que foram armazenados no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) e no Museu Municipal de Moura (MMM), sem nunca antes terem sido estudados e devidamente publicados. Na maior parte dos casos não existem referências ao local exacto da sua descoberta no Castro da Azougada, tendo a maioria das peças sido muito sumariamente descrita nos cadernos de campo.

A observação macroscópica dos vestígios de osso trabalhado foi realizada no MNA e no MMM. Nos casos em que a transformação da matéria-prima não foi demasiado intensa, procedeu-se à identificação anatómica e taxonómica dos vestígios, recorrendo à consulta da colecção de referência osteológica do Laboratório de Arqueociências (LARC) da Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), à colecção de referência de malacofauna pessoal de um dos autores (Mariana Nabais) e à utilização de atlas de identificação como Schmid (1972) e Hayward & Ryland (1995). Nos casos em que não foi possível a identificação taxonómica, tentou-se incluir as peças em categorias de tamanho animal: Mamífero Grande (vaca, cavalo), Mamífero Médio (veado, gamo), Mamífero Pequeno (ovelha, porco), Mamífero Muito Pequeno (coelho, gato), Ave e Concha.

Sempre que possível, procedeu-se à observação dos gestos técnicos utilizados na manufactura dos objectos, bem como das marcas de utilização. De acordo com Salvado (2004:42), as técnicas de manufactura dos artefactos em osso dividem-se em três grupos distintos: esboço, forma e acabamento. Para a produção dos esboços, são frequentemente utilizadas as técnicas da percussão, serragem, flexão, torsão e entalhe. Para dar forma ao artefacto é comum a utilização do entalhe, desbaste, abrasão e perfuração. O acabamento é conseguido através do polimento e, por vezes, pelo endurecimento com fogo. Todas estas técnicas podem ser utilizadas de forma isolada ou em associação, mas o investigador tende a ser capaz de apenas identificar as últimas usadas, uma vez que estas se terão sobreposto às técnicas anteriores. Finalmente, é essencial proceder à análise comparativa dos artefactos estudados com outros de diferentes proveniências numa tentativa de dedução da sua função.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados um total de 20 artefactos de osso trabalhado. A maioria destas peças foram descrita e, por vezes, desenhada nos cadernos de campo. Considerando que apenas os elementos de algum valor estético e/ou simbólico seriam guardados, não é de estranhar que tenha havido cuidado na recolha dos ossos trabalhados. A sua presença revela que existiriam condições geológicas propícias à conservação do osso e concha, aliás como verificado pelas mais recentes escavações de 2016 (Nabais & Soares, 2017).

4.1. Elementos Apontados

A maioria dos ossos trabalhados encontrados no Castro da Azougada consistem em elementos de alguma forma apontados. São geralmente feitos aproveitando a morfologia dos ossos longos de mamíferos de porte pequeno e/ou médio, sendo as ulnas, os metápodes e as tíbias consideradas por vários investigadores (por exemplo Campana, 1989:23 ou Altamirano, 2011:283) como os elementos mais indicados para o seu fabrico. Tendem a ter pelo menos um dos lados apontados, se bem que existem elementos com duas pontas. Por vezes, a ponta em si não é afiada, podendo adquirir formas hemisféricas irregulares. A funcionalidade destes elementos apontados pode variar, podendo ter sido utilizados para perfurar peles, permitindo a passagem de uma agulha e fio, ou para perfurar e decorar outros ossos e cerâmicas (Salvado, 2001:39).

Entre os elementos apontados, aqueles com uma configuração mais evidente são as agulhas em osso polido, as quais encontram paralelo regional no século V a.C. numa peça do Cabeço Redondo (Soares, 2012: Estampa LIV). A matéria-prima encontra-se demasiado trabalhada no caso da Figura 2A e, por isso, é impossível inferir sobre a espécie e o elemento anatómico que serviram de base à sua produção. No entanto, é evidente que terá sido utilizado um osso longo de mamífero, havendo ainda vestígios do canal medular, tendo-se realizado uma perfuração circular com diâmetro de 3,17 mm na sua parte proximal. O seu aspecto polido terá sido conseguido através da abrasão com grão fino e também causada pela utilização. Pensa-se que outra agulha (Figura 2B) está também presente no sítio. A peça apresenta uma forma mais achatada e a sua parte distal está ausente. Porém, a parte proximal está bem conservada revelando o aproveitamento do foramen natural de

um metápode de herbívoro de pequeno ou médio porte. A perfuração é oblonga com algum polimento no interior causado pelo uso.

Foi igualmente identificada a parte distal de um utensílio apontado bem afiado e polido (Figura 2C). Terá sido realizado sobre um osso longo de um vertebrado, mas a sua utilização é desconhecida, pois encaixa perfeitamente em peças como os alfinetes de cabelo, agulhas ou furadores. A presença do canal medular de um mamífero de pequeno porte é revelada na Figura 2D. Esta consiste numa ponta hemisférica, não sendo possível saber se corresponderia à parte distal ou proximal da peça. Assim sendo, a sua função é desconhecida. O mesmo se verifica com dois fragmentos de osso, sendo um deles feito com base numa lasca de um osso longo de mamífero (Figura 2M) e o outro aproveitando uma costela de animal de pequeno porte (Figura 2L).

Por fim, foi recolhido um artefacto com duas pontas com 8,55 cm de comprimento e 1 cm de largura máxima (Figura 2E). Foi elaborado sobre um osso longo de mamífero de pequeno ou médio porte, sendo ainda visível o canal medular. A peça terá sido afeiçoada através da abrasão recorrendo a grão grosso. Cleyet-Merle (1990:84) considera elementos duplamente apontados como anzóis de pesca, em que a linha seria atada à sua parte mesial. O anzol bi-apontado, seria engolido pelo peixe, ficando preso na sua boca de forma transversal, não podendo o animal libertar-se do engenho. A vantagem destes anzóis consiste na matéria-prima utilizada de fácil acesso e de simples substituição caso fosse perdida. Têm também a vantagem de não se enterrarem na areia na maré baixa, como acontece com os anzóis metálicos. Por estes motivos, de la Blanchère (1926) reporta a sua utilização ainda no século XX entre os pescadores franceses das províncias litorais do canal da Mancha.

Contudo, a classificação como anzol não é pacífica. Camps-Fabrer (1966:133) considera que as duas pontas da peça têm de ser rigorosamente simétricas para ser interpretada como anzol; enquanto Rodanés Vicente (1987:79) afirma que tal interpretação só é possível mediante a presença de uma marca na zona mesial do objecto para fixação do fio. No entanto, Cleyet-Merle (1990:86) faz a salvaguarda que as peças direitas em osso com dupla-ponta apresentam morfologias e tamanhos distintos, sendo sempre interpretadas como anzóis por este autor. É também esta interpretação que é privilegiada por

Salvado (2001:42) para os dois elementos recolhidos na Serra das Éguas, um povoado de ocupação Neolítica e Calcolítica do concelho da Amadora (Lisboa).

4.2. Cossoiros

Os cossoiros são elementos frequentemente recuperados em sítios proto-históricos peninsulares. São geralmente concebidos em material cerâmico, podendo apresentar morfologias variadas. Os cossoiros estão associados à produção têxtil, nomeadamente à fiação. Esta última implica a utilização máxima de dois cossoiros por utilizador, sendo um aplicado na roca e outro utilizado como contrapeso no fuso (Pereira 2013:685).

No Castro da Azougada foram recuperados três possíveis cossoiros de osso, sendo todos morfologicamente idênticos, com uma face esférica e a outra plana. Devido à falta de paralelos para estas peças, classificam-se estes artefactos como cossoiros, dado a sua semelhança morfológica a alguns exemplares de cerâmica. A produção destes artefactos foi relativamente simples, uma vez que aproveitou a morfologia naturalmente esférica da cabeça do fémur, procedendo apenas à perfuração central da *fóvea capitis* de configuração circular. A regularização da parte posterior plana poderá ter sido conseguida por abrasão, ou aplanada durante a sua utilização. Para a obtenção da cabeça do fémur, poder-se-á ter utilizado a percussão ou serragem para a sua separação. No entanto, tal poderá ter sido evitado caso se tenha recorrido a um animal juvenil, em que a cabeça do fémur não se encontra ainda fusionada com a diáfise. Os três cossoiros estudados são muito semelhantes, podendo enquadrar-se morfológicamente no Tipo A (esférico) definido por Pereira (2013:fig.2), não apresentando qualquer tipo de decoração. Estes artefactos são provenientes de animais mamíferos de pequeno ou médio porte, não sendo possível aferir se corresponderiam a animais adultos ou juvenis. Com base nas dimensões e configuração da zona envolvente da *fóvea capitis*, é possível que o cossoiro da Figura 2K corresponda a um caprino. Os cossoiros das Figuras 2I e 2J poderão corresponder a animais de maiores dimensões, talvez de um grande suíno ou mesmo de um veado. Estes animais foram identificados entre o material faunístico recolhido nas escavações de 2016 (Nabais & Soares, 2017) e pode-se sugerir o seu aproveitamento após a sua utilização alimentar.

Tal como referido, de momento não são conhecidos

paralelos no território nacional de cossoiros com a morfologia descrita. No entanto, há evidências em Godin Tepe, no Irão, um sítio com ocupação desde o Calcolítico até à Idade do Ferro. Aí foi recolhido um cossoiro de osso que segue o mesmo modelo de produção dos do Castro da Azougada, através do aproveitamento da cabeça do fémur de um mamífero (Crabtree & Campana, 2010:50). Ainda que de formatos diferentes e com técnicas de manufatura distintas, são vastos os exemplos de utilização de cossoiros entre várias tribos indígenas da costa noroeste americana. A matéria-prima utilizada varia entre a pedra, a madeira e o osso, consoante o material a ser fiado. Assim sendo, os cossoiros mais leves são os de osso (geralmente em osso de baleia) que são utilizados na fiação de ortigas, de pêlo de cão e de lã (Loughran-Delahunt, 1996:22).

A produção têxtil está comprovada no Castro da Azougada dada a frequência significativa de cossoiros cerâmicos (actualmente em estudo por Rui Soares) e a presença de agulhas em osso. No entanto, é difícil compreender a função dos cossoiros de osso, se estariam de facto associados à produção de fibras mais finas (talvez relacionadas com tecidos pouco comuns) ou se teriam outras funções ainda desconhecidas.

4.3. Peça de jogo e/ou adivinhação

O conhecimento da utilização de astrágalos na Antiguidade advém principalmente das fontes iconográficas, epigráficas e das evidências arqueológicas dos períodos Clássico e Helenístico (Minniti & Peyronel, 2005:18). No entanto, há também elementos provenientes de sítios da Idade do Bronze na Anatólia e no corredor Sírio-Palestino (por exemplo, Gilmour, 1997; Crabtree & Campana, 2010).

As fontes clássicas descrevem a utilização de astrágalos facetados numa variedade de jogos – como a *Tropa*, a *Penthelita* ou a *Omilla* –, em que os jogadores rolariam os astrágalos no chão de forma semelhante aos actuais dados, seguindo-se a contagem da pontuação obtida. As contagens seriam complexas, com uma possibilidade de 35 combinações diferentes (Mazzorin & Minniti, 2013:372). Com base em alguns jogos modernos, propôs-se a hipótese de alguns astrágalos serem propositadamente mais pesados, de forma a terem mais impacto aquando o contacto com os outros ossos. Esta sugestão baseou-se na existência de alguns astrágalos arqueológicos com uma perfuração preenchida por chumbo. Po-

rém, não parece que tal explicação seja a mais correcta (Carè, 2013:93). A alternativa viável prende-se com o possível uso destes astrágalos com chumbo como pesos de medida. Esta ideia é suportada pela existência de pesos de medida em metal imitando a forma de astrágalos (Mazzorin & Minniti, 2013:372). Os astrágalos parecem também ter exercido funções rituais. Na gruta de Korykeion, em Creta, de época Clássica, foram recolhidos milhares de astrágalos. Estes foram interpretados como oferendas, cujos ossos terão sido recuperados dos animais sacrificados e atirados para o *simulacrum* da divindade para que esta pudesse interpretar as várias combinações de pontuação e assim prever o futuro (Mazzorin & Minniti, 2013:372). Esta prática de adivinhação, a *astragalomanteia*, poderia também ser realizada em templos ou outras zonas sagradas. Nestes casos seriam utilizadas versões simplificadas, apresentando-se os ossos polidos e, por vezes, com inscrições para que o crente pudesse mais facilmente interpretar a mensagem dos deuses (Carè, 2013:93).

Há também evidências de astrágalos usados como oferendas funerárias, como no emblemático caso da necrópole de Lucifero (século VI a III a.C., Itália), em que foram recolhidos cerca de 9000 ossos em 149 enterramentos. Não parece ter havido uma standardização das deposições, não existindo duas deposições iguais, além de terem sido utilizados ossos afeiçãoados e não-afeiçãoados (Carè, 2013). Para a Península Ibérica, Cardoso & Arruda (2016:203) referem os casos de Alcácer do Sal, onde se recolheram astrágalos polidos na necrópole de Nossa Senhora dos Mártires e no espaço sacro da Rua do Rato, mencionando também os paralelos espanhóis das necrópoles de Cruz del Negro e Medellín, e os santuários de Cancho Roano e La Mata. A estes exemplos, podem acrescentar-se os casos das necrópole de Cigarralejo (Rísquez & García Luque, 2007) e de Coímbra del Barranco Ancho (Martín-Poveda 2014). Foi com base nos amplos achados de astrágalos em contextos funerários que Carè (2013:87) propôs uma classificação tipológica: A) astrágalos não modificados; B) astrágalos com perfuração; C) astrágalos facetados; D) astrágalos facetados e com perfurações; e E) astrágalos com presença de chumbo. O elemento encontrado no Castro da Azougada é um astrágalo de caprino, não sendo possível distinguir entre ovelha e cabra dado a sua intensa transformação (Figura 2H). O seu lado posterior foi aplanado com recurso à abrasão, tendo removido por

completo a sua curvatura natural. Todas as outras faces foram igualmente aplanadas, resultando num paralelepípedo rectangular de pouca espessura, sem decoração e sem perfuração. A peça insere-se no tipo C de Carè (2013), mais precisamente no subtipo C2, em que o osso se torna num género de placa dado a remoção total das proeminências trocleares. Uma vez que este achado se encontra completamente descontextualizado, não é possível saber qual terá sido a sua função. No entanto, exclui-se a sua utilização como peso de medida, dado a ausência de chumbo. Além disso, não foi ainda descoberto nenhum enterramento no Castro da Azougada excluindo, por isso, a sua utilização como deposição funerária. Assim sendo, este astrágalo marcadamente facetado é de momento interpretado como peça de adivinhação, ou de jogo, ou ambos.

4.5. Cabos

No Castro da Azougada foram recolhidos dois cabos: um aproveitando a diáfise de um rádio de um pequeno mamífero, talvez um caprino (Figura 2N), e o outro utilizando a ponta de um chifre de cervídeo (Figura 2O). O primeiro parece aproveitar a depressão posterior da diáfise, onde encaixa a ulna, para um melhor manuseamento da zona proximal. A parte distal, apresenta uma secção mais arredondada, com uma perfuração ampla realizada através da remoção do osso esponjoso e do tutano do seu interior. As suas bordas encontram-se bem polidas, devendo aí encaixar o restante elemento distal da peça.

O segundo cabo foi conseguido através da provável fractura do chifre por percussão. Talvez uma primeira tentativa frustrada para a fractura do elemento se tenha verificado, o que é sugerido pela presença de uma marca de cutelo transversal na parte proximal da peça. As naturais irregularidades da superfície do chifre foram suavizadas através da abrasão com grão grosso, como é observável macroscopicamente. A parte distal corresponde à zona de encabamento, tendo por isso uma perfuração com as bordas cuidadosamente polidas.

Estes cabos utilizam elementos anatómicos e gestos técnicos descritos em vários sítios arqueológicos, como nos casos de Grzybiany (Polónia, Idade do Ferro) (Baron, Diakowski & Stolarczyk, 2016:32), Espargueira (Portugal, Neolítico e Calcolítico) (Salvado, 2001:43) e Monte do Bolor 1-2 (Portugal, I Idade do Ferro) (Soares *et al*, 2017:236). Este último torna-se relevante, na medida em que apresenta

um cronologia semelhante ao Castro da Azougada, bem como a sua proximidade geográfica em Beja. Na sepultura UE 4914, foi recolhida uma pequena faca de ferro com encabamento em osso trabalhado com decoração incisa de pequenas circunferências na parte proximal.

4.6. Elemento Decorado

Em todo o espólio de osso trabalhado recolhido no Castro da Azougada, apenas um elemento se apresenta decorado (Figura 2G). Trata-se de um fragmento com 3,7 cm de comprimento realizado sobre um osso longo de um mamífero de pequeno porte. A decoração incisa apresenta uma malha de losangos delimitados por uma linha recta que lhes é perpendicular na zona que se interpreta como sendo a parte proximal do objecto. Nessa zona proximal identificam-se dois entalhes que poderão ter facilitado o encaixe de qualquer outro material. Pela configuração do fragmento e o facto de estar simplesmente decorado, poder-se-ia colocar a hipótese de ter sido uma placa.

Alguns fragmentos de placa de morfologia semelhante foram encontradas no sítio de La Mata, Espanha (Rodríguez Díaz, 2004: fig. CT-31), sendo cronologicamente comparáveis e apresentando também alguns losangos na sua decoração. No sítio da Idade do Ferro de Cambourne, em Inglaterra, foi igualmente identificada uma placa rectangular em osso com decoração incisa formando um X e intervalada com circunferências e perfurações. Este objecto foi interpretado como fazendo parte da ornamentação de uma pequena caixa de madeira (Leivers, 2009:64).

4.7. Conchas perfuradas

Foram identificadas três conchas marinhas que deverão ter sido utilizadas como pendentes, não sendo necessariamente utilizadas ao peito dado a grande dimensão e peso de algumas delas. Entre as conchas de maiores dimensões encontra-se uma valva direita de *Acanthocardia tuberculata* (Figura 3B). É pouco provável que esta espécie tivesse sido recolhida viva durante a maré baixa, uma vez que o seu habitat se estende até cerca de 200 m de profundidade (Hayward & Ryland 1995:596). A concha apresenta várias fracturas recentes e uma perfuração na zona do umbo. Parte da perfuração está danificada, mas estima-se que teria um diâmetro máximo de 4,6 mm. O orifício é de produção antrópica, dado ter um contorno mais irregular que os de preda-

ção, além de apresentar marcas claras da abrasão causada pelo movimento de um furador (Cabral & Monteiro-Rodrigues 2015:247).

Ainda que de menores dimensões, a valva de *Glycymeris* sp. apresenta maior densidade e peso (Figura 3D). Este animal habita a cerca de 100 m de profundidade (Hayward & Ryland 1995:582) chegando à praia apenas após a morte e através do movimento das ondas responsável pela abrasão marinha identificada na parte dorsal da concha. Contudo, o polimento que apresenta na zona dos dentes, dever-se-á à sua utilização enquanto pendente. A perfuração oblonga na zona do umbo é claramente antrópica, sendo evidentes os movimentos rotativos de abrasão provocados pelo furador. Peças idênticas, com o mesmo tipo de perfuração e polimento dos dentes foram encontradas na Fossa 3 da necrópole púnica de Cádiz (Mesa Hernández & Niveau, 2014:82).

O mesmo gesto técnico de perfuração foi também reconhecido no umbo da valva esquerda de berbigão (*Cerastoderma edule*) (Figura 3C). Esta concha é facilmente recolhida na maré baixa, sobretudo em zonas de estuário, uma vez que prefere sedimentos vasosos e aguenta baixas salinidades (Hayward & Ryland 1995:598). O artefacto não apresenta quaisquer sinais de erosão marinha, não sendo possível inferir se a sua recolha terá sido aquando a morte ou vida do animal. No entanto, é curioso notar um ligeiro polimento na sua parte dorsal, que talvez possa ser atribuído à sua utilização, se bem que tal fenómeno seria esperado na parte ventral caso tivesse sido usado como pendente.

Finalmente, entre as conchas marinhas foi identificada uma valva direita (a valva plana) de uma vieira (*Pecten maximus*) (Figura 3A). O tipo de degradação da concha indica que este elemento foi recolhido na praia, estando o animal já morto. As três perfurações que apresenta parecem ser devidas à actividade de predadores marinhos, visto os orifícios serem regulares e perfeitos (Cabral & Monteiro-Rodrigues 2015:245). Tais perfurações poderiam ser aproveitadas para passar um fio e proporcionar uma utilização do tipo pendente, mas não parece haver nenhuma marca de utilização em nenhuma das perfurações. Assim sendo, a utilização dada a esta concha mantém-se desconhecida.

4.8. Outros

Apenas três vestígios pertencentes à colecção de osso trabalhado analisada não se enquadram em ne-

nhuma das categorias acima mencionadas. Um deles corresponde a um fragmento de diáfise de osso longo de um muito pequeno vertebrado que se encontra polido em toda a sua superfície (Figura 2P). Através da observação macroscópica, é evidente que tal polimento foi realizado com grão fino, podendo ter-se recorrido ao grés, a um outro osso ou a uma pele molhada embebida em areia ou xisto (Salvado, 2004:48). Dado a peça deter duas fracturas recentes, é impossível compreender como se desenvolveria o resto do artefacto e, por isso mesmo, não se consegue determinar a sua função.

Um fragmento de diáfise de osso longo de um mamífero de pequeno porte com marca de queimadura foi também recolhido e considerado pelos escavadores como sendo um osso trabalhado (Figura 2F). A sua fractura em V dá-lhe uma configuração apontada, mas não parecem existir marcas de utilização nessa superfície nem em toda a superfície óssea que sugiram um uso particular deste fragmento. Constata-se, portanto, que a sua recolha se deverá ter devido ao facto de estar queimado. De acordo com o trabalho experimental de Nicholson (1993), os ossos expostos ao calor atingem uma coloração negra entre os 300 e os 400 °C. Dado a reduzida expressão de elementos expostos ao calor no Castro da Azougada, é difícil compreender o motivo da queimadura, se accidental, se devido a actividades culinárias, utilização como combustível ou ritual.

Finalmente, um elemento desenhado e descrito nos cadernos de campo (Madeira, 1946:4) como sendo a cabeça de um parafuso em osso, não foi encontrado entre as colecções do MNA ou do MMM. Pelo desenho, a peça apresenta uma cabeça achatada, seguida de um corpo cilíndrico sem decoração, passando depois este a ter uma aparência fusiforme. Ainda que a sua morfologia se assemelhe a um parafuso actual, o mais provável é que corresponda a uma cabeça de alfinete. No entanto, sem possibilidade de observação do artefacto, a sua interpretação torna-se difícil.

5. CONCLUSÃO

O estudo dos artefactos em osso trabalhado recolhidos no Castro da Azougada revela a utilização de matéria-prima que estaria disponível no local. A maioria dos elementos parece ter sido realizada sobre partes anatómicas de mamíferos de pequeno e médio porte, como os caprinos, os suínos e os cervídeos. Uma vez que não se procedeu a uma recupera-

ção exaustiva dos restos faunísticos, não é possível aferir a *chaîne opératoire* utilizada na manufactura destas peças, nem se seriam produzidas no local.

Contrariamente aos artefactos em osso, as peças em concha denunciam os contactos com o litoral, quer por trocas comerciais quer por visitas dos habitantes da Azougada a zonas de praia. Todas as conchas presentes parecem ter sido recolhidas após a morte do animal, talvez em zonas de estuário, e foram quase exclusivamente utilizadas como pendentes, com excepção da valva de vieira. A presença destes elementos, a sua escassez e o seu uso ornamental, demonstra a relativa importância dada a estas peças pelos ocupantes do sítio. Porém, não é possível compreender se a sua utilização estaria de alguma forma associada a funções simbólicas, religiosas e/ou hierárquicas.

Dentro do panorama mágico-religioso, pode-se considerar o astrágalo polido de caprino. A sua provável utilização como peça de jogo e/ou de adivinhação implicaria que mais elementos deste tipo tivessem sido recolhidos. Ainda assim, a presença de um elemento é já suficiente para sugerir que tais práticas decorreriam no local. Caso se verificasse algum tipo de ritual praticado no Castro da Azougada, seria de esperar um maior volume de ossos queimados de longa exposição ao calor, de forma a se encontrarem calcinados. Esse não parece ser o caso e, por isso mesmo, os elementos queimados recolhidos nas escavações antigas e recentes parecem estar associados a actividades culinárias de preparação de alimentos.

Como demonstrado por Nabais & Soares (2017), a dieta da população revela elementos de exploração de uma economia local bastante ruralizada, com domínio de espécies domésticas de gado bovino e caprino, que terão sido complementadas por elementos cinegéticos, como o veado. O recurso a elementos fluviais está confirmado pela ampla frequência de conchas de rio, tendo também sido registada a presença de elementos marinhos de malacofauna e ictiofauna. Ainda que não hajam evidências de peixes de água doce, é bem provável que também estes integrassem a dieta da população local, como se infere pela existência de alguns anzóis de bronze depositados no MNA. De qualquer forma, a actividade pesqueira (fluvial) volta a ser confirmada pela presença de um anzol de dupla ponta em osso polido. Por fim, a actividade têxtil está comprovada. Ainda que não se conservem os tecidos e as fibras dos

vestuários, as agulhas e cossoiros confirmam a produção têxtil local. Considerando a variabilidade de matérias-primas utilizadas na produção de cossoiros de acordo com o tipo de fibra a ser fiada, é evidente que diferentes materiais seriam trabalhados. A presença de cossoiros em osso sugere a hipótese de fios mais finos serem produzidos localmente. A reduzida frequência destes cossoiros pode ser interpretada como um possível indicador da raridade de tal produção, que talvez fosse de acesso restrito a um pequeno número de pessoas.

Os ossos trabalhados do Castro da Azougada encontram-se relativamente bem preservados. O espólio é pequeno e os elementos são de proveniência desconhecida entre as áreas escavadas. Ainda assim, confirmam a existência de relações com o litoral, reforçam as evidências da actividade pesqueira pela população local e revelam a possível existência de uma actividade têxtil até então desconhecida. A presença de elites parece ser evidente dado a fição de elementos mais finos e de aparente escassez no local, bem como a presença de elementos de adorno (como os pendentos), elementos decorados e a presença de facas, provavelmente metálicas, de encabamento em osso. Finalmente, o matiz mágico-religioso poderá estar associado à presença de elementos de adorno e ao único astrágalo polido recolhido. Espectros relacionados com elites locais e a presença religiosa só poderão ser aprofundados através de um estudo arqueológico integrado do sítio que inclua a análise de todos os restantes materiais, bem como das estruturas identificadas. Para isso, é fundamental a continuação dos trabalhos arqueológicos no Castro da Azougada, de modo a obter mais informação sobre o sítio, com base numa recuperação exaustiva de materiais com proveniência exacta conhecida.

BIBLIOGRAFIA

ALTAMIRANO, Manuel (2011) – Bone industry from the Bronze Age in Central Iberia. The settlement of La Motilla. In BARON, Justyna & KUFEL-DIAKOWSKA, Bernardeta, eds – *Written in Bones: studies on technological and social contexts of past faunal skeletal remains*. Wrocław: Uniwersytet Wrocławski, Instytut Archeologii, pp. 273-284.

BARON, Justyna; DIAKOWSKI, Marcin; STOLARCZYK, Tomasz (2016) – Bone and antler artefacts from an 8-5th century BC settlement at Grzybiany, south-western Poland. In VITEZOVIĆ, Selena, ed – *Close to the Bone. Current Studies in Bone Technologies*. Belgrade: Institute of Archaeology, pp. 28-47.

BARROSE CARVALHOSA, António; GALOPIM DE CARVALHO, António (1970) – *Carta Geológica de Portugal, Folha 43-B, Moura Escala 1:50000*. Direcção de Minas e Serviços Geológicos.

BLACKWELL, Lucinda; D'ERRICO, Francesco (2001) – Evidence of Termite Foraging by Swartkrans Early Hominids. *Proceedings of the National Academy of Sciences USA*, 98, pp. 1358-1363.

CABRAL, João Paulo; Monteiro-Rodrigues, Sérgio (2015) – Orifícios de predação em concha de moluscos marinhos. Um modelo experimental para o estudo de perfurações em conchas arqueológicas. In GUTIÉRREZ ZUGASTI, Igor; CUENCA SOLANA, David; GONZÁLEZ MORALES, Manuel, eds – *La Investigación Arqueomalacológica en la Península Ibérica: Nuevas Aportaciones*. Santander: Nadir Ediciones, pp. 241-250.

CAMPANA, Douglas (1989) – *Natufian and Protoneolithic Bone Tools. The Manufacture and Use of Bone Implements in the Zagros and the Levant*. BAR International Series 494. Oxford: Oxbow.

CAMPS-FABRER, Henriette (1966) – *Matière et art mobilier dans la Préhistoire Nord-Africaine et Saharienne*. Paris: Artes et Métiers Graphiques.

CARDOSO, João Luís; ARRUDA, Ana Margarida (2016) – Faunas domésticas e rituais funerários em Alcácer do Sal (Idade do Ferro). In VILAÇA, Raquel; SERRA, Miguel, eds – *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades*. Coimbra: FLUC, CEPBA, Palimpsesto, pp. 193-217.

CARÈ, Barbara (2013) – Knucklebones from the Greek Necropolis of Locri Epizefiri, Southern Italy (VIth-IIIth century BC): typological and functional analysis. In LANG, Felix, ed – *The Sound of Bones*. Salzburg: ArchaeoPlus, pp. 87-99.

CLEYET-MERLE, Jean-Jacques (1990) – *La Préhistoire de la Pêche*. Paris: Editions Errance.

CRABTREE, Pam; CAMPANA, Douglas (2010) – Worked Bone Remains from Godin Tepe, Iran – Chalcolithic to Iron Age. In LEGRAND-PINEAU, Alexandra; SIDÉRA, Isabelle; BUC, Natacha; DAVID, Eva; SCHEINSOHN, Vivian, eds – *Ancient and Modern Bone Artefacts from America to Russia*. BAR International Series 2136. Oxford: Archaeopress, pp. 49-54.

DE LA BLANCHÈRE, Henri (1926) – *La pêche et les poissons. Dictionnaire Général des Pêches*. Paris: Librairie Delagrave.

GILMOUR, Garth (1997) – The nature and function of astragalus bones from archaeological contexts in the Levant and Eastern Mediterranean. *Oxford Journal of Archaeology*, 16, pp. 167-175.

HAYWARD, Peter; RYLAND, John (1995) – *Handbook of the Marine Fauna of North-West Europe*. Oxford: University Press.

- LEIVERS, Matt (2009) – Worked Bone. In WRIGHT, James; LEIVERS, Matt; SEAGER SMITH, Rachel; STEVENS, Chris, eds – *Cambourne New Settlement. Iron Age and Romano-British Settlement on the Clay Uplands of West Cambridgeshire*. Volume 2. Salisbury: Wessex Archaeology Ltd, pp. 64-65.
- LEMOINE, Genevieve (2001) – Skeletal Technology in context: an optimistic overview. In CHOYKE, Alice; BARTOSIEWICZ, László, eds – *Crafting Bone: Skeletal Technologies through Time and Space*. BAR International Series 937. Oxford: Archaeopress, pp. 1-7.
- LOUGHRAN-DELAHUNT, Isa (1996) – *A Functional Analysis of Northwest Coast Spindle Whorls*. Unpublished Master Dissertation presented to The Faculty of Western Washington University.
- MADEIRA, Manuel Pedro (1946) – *Diário de Escavação no Castro da Azougada – 3ª campanha (Moura). Ano de 1946 – 1º semestre. 17 do 4 a 21 do 5/46 [Manuscrito]*. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.
- MARTÍN-POVEDA, Javier (2014) – Uso y significado de los astrágalos en los ajueres funerários ibéricos: la necrópolis del poblado de Coímbra del Barranco Ancho (Jumilla, Murcia). *Alberca*, 12, pp. 43-57.
- MAZZORIN, Jacopo; MINNITI, Claudia (2013) – Ancient use of the knuckle-bone for rituals and gaming piece. *Anthropozoologica*, 48, pp. 371-380.
- MESA HERNÁNDEZ, Eduardo; NIVEAU, Ana Maria (2014) – Análisis arqueomalacológico de tres contextos rituales de la necropolis púnica de Cádiz. *Archaeofauna*, 23, pp. 69-88.
- MINNITI, Claudia; PEYRONEL, Luca (2005) – Symbolic or Functional Astragali from Tell Mardikh-Ebla (Syria). *Archaeofauna*, 14, pp. 7-26.
- NABAIS, Mariana; SOARES, Rui (2017) – Zooarchaeological evidence from the Iron Age site of Castro da Azougada (Moura, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20, pp. 61-69.
- NICHOLSON, Rebecca (1993) – A morphological investigation of burnt animal bone and an evaluation of its utility in archaeology. *Journal of Archaeological Science*, 20, pp. 411-428.
- PEREIRA, Teresa (2013) – Por um Fio: Tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaíamonte (Monforte/Portugal). In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 681-691.
- RÍSQUEZ, Carmen; GARCÍA LUQUE, Antonia (2007) – Actividades de mantenimiento en el registro funerario? El caso de las necropolis iberas. *Traballs d'Arqueologia*, 13, pp. 147-173.
- RODANÉS VICENTE, José (1987) – *La industria ósea prehistórica en el valle del Ebro. Neolítico – Edad del Bronce*. Zaragoza: Diputación General de Aragón.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso (2004) – *El Edificio Protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su Estudio Territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- SALVADO, Maria Clara (2001) – Os artefactos ósseos dos povoados da Espargueira/Serra das Éguas e da necrópole de Carenque, do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 19, pp. 29-56.
- SALVADO, Maria Clara (2004) – Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Clacolítico da Península de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Suplemento 2. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- SCHMID, Elisabeth (1972) – *Atlas of Animal Bones*. Elsevier: London.
- SOARES, Rui (2012) – *O Cabeço Redondo. Um Edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado, exemplar policopiado.
- SOARES, Rui (2017) – A cerâmica grafitada e o seu contexto, entre a margem esquerda do Guadiana e a Serra de Aracena. *Revista Onuba*, pp. 171-193.
- SOARES, Rui; BAPTISTA, Lídia; PINHEIRO, Rui; OLIVEIRA, Lurdes; RODRIGUES, Zélia; VALE, Nelson (2017) – A Necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (S. Brissos, Beja). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed – *Actas do Encontro Siderum Ana III “El Rio Guadiana y Tartessos” (Mérida, 19 a 21 de Setembro de 2012)*. Publicaciones del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida. Serie Compacta (Compendia et Acta). Mérida nº1, pp. 265-301.
- ST-PIERRE, Christian; WALKER, Renee (2007) – *Bones as Tools: Current Methods and Interpretations in Worked Bone Studies*. BAR International Series 1622. Oxford: Archaeopress.
- VITEZOVIĆ, Selena (2016) – *Close to the Bone. Current Studies in Bone Technologies*. Belgrade: Institute of Archaeology.



Figura 1 – Localização do Castro da Azougada.



Figura 2 – Ossos trabalhados do Castro da Azougada recolhidos nas intervenções da década de 1940. A-B) Agulhas em osso polido. C-D) Elementos apontados em osso polido. E) Osso polido com duas pontas, provavelmente utilizado como anzol. F) Fragmento de osso longo queimado. G) Osso longo polido decorado, talvez utilizado como placa de decoração. H) Astrágalo de caprino polido utilizado com peça de jogo e/ou adivinhação. I-K) Cossosiros de osso polido aproveitando a cabeça do fémur de mamíferos de pequeno e/ou médio porte. L-M) Elementos apontados em osso polido. N-O) Rádio e chifre de mamífero polido utilizados com cabo de faca; seta vermelha indica marca de corte no último. P) Osso longo polido de mamífero.

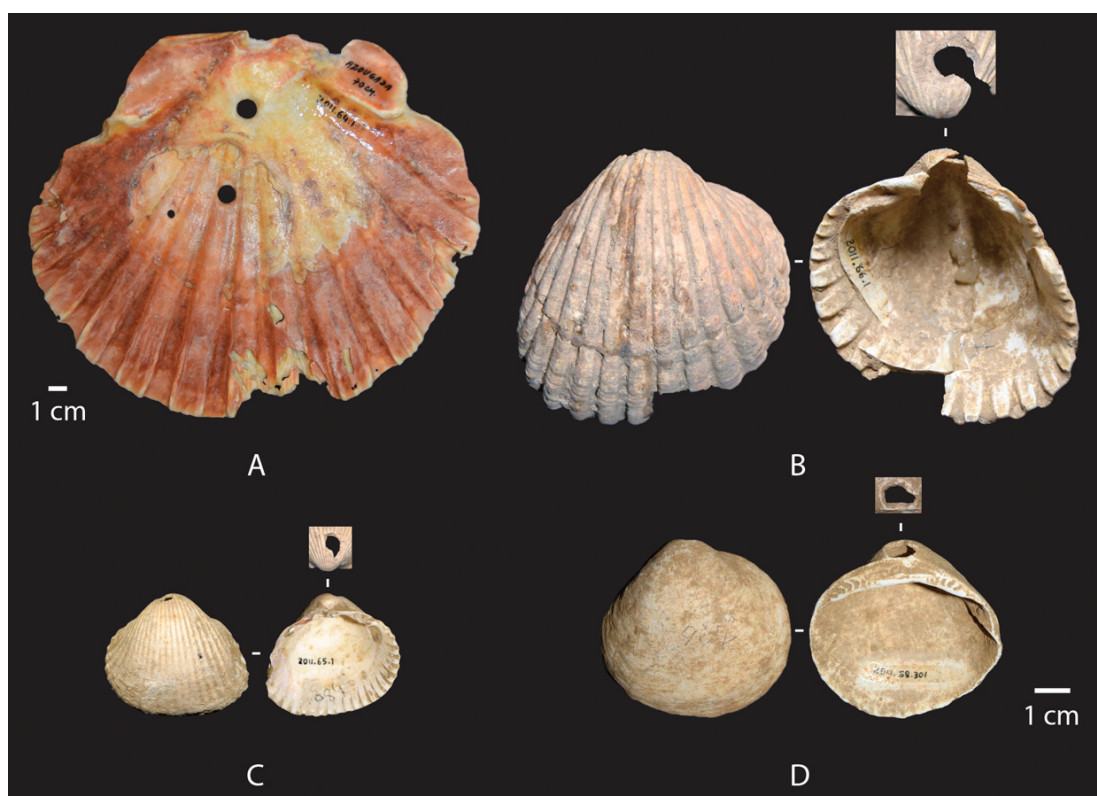


Figura 3 – Conchas marinhas perfuradas do Castro da Azougada. A) Valva direita de *Pecten maximus* com três perfurações naturais. B-D) Conchas marinhas com perfurações antrópicas e utilização como pendente: *Acanthocardia tuberculata*, *Cerastoderma edule* e *Glycymeris* sp.



Patrocinador oficial